

Carne Suína

Kamilla Ribas Soares

Zootecnista. Doutora em Zootecnia
Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste – ETENE
Banco do Nordeste do Brasil - BNB
kamillars@bnb.gov.br

Resumo: A cadeia da carne suína mantém perspectivas positivas, mesmo com as incertezas econômicas, geopolíticas e climáticas que perpassam 2026. A produção mundial deverá atingir 120,2 milhões de toneladas (+1%), enquanto as exportações permanecerão próximas a 10,4 milhões de toneladas. O Brasil se consolida como 4º maior produtor e 3º maior exportador mundial, com expectativa de produzir 4,9 milhões de toneladas e exportar 1,83 milhão de toneladas. No primeiro semestre de 2026, as exportações brasileiras alcançaram 773,1 mil toneladas, aumento de 10,5%, gerando receita de US\$ 1,84 bilhão (+8,3%). No mercado interno, a produção nacional atingiu recorde de 4,46 milhões de toneladas em 2025, com abate de 60,7 milhões de suínos e consumo *per capita* histórico de 19,1 kg por habitante. No Nordeste, a atividade segue voltada principalmente ao abastecimento regional, registrando crescimento de 5,9% no abate e de 3,2% na produção no 1T2026 em relação ao 1T2025. Bahia e Ceará lideram a produção regional. O Banco do Nordeste desempenha papel estratégico no fortalecimento da cadeia produtiva de suínos. As perspectivas permanecem favoráveis, apoiadas pela expansão do crédito, aumento da demanda regional e melhoria da competitividade do setor.

Palavras-chave: Suínos, Produção, El Niño, Desafios, Nordeste.

1 Overview do Mercado Global

A produção global em 2026 está projetada para crescer 1%, alcançando 120,2 milhões de toneladas, à medida que o aumento da produção nos Estados Unidos, Brasil, China e Canadá compensa a redução da produção na União Europeia (USDA, 2026a). As exportações globais devem permanecer praticamente estáveis em 10,4 milhões de toneladas, com embarques do Brasil, Estados Unidos e Canadá compensando a redução das exportações pela União Europeia (**Tabela 1**).

As indefinições em relação aos desdobramentos das tensões geopolíticas no Oriente Médio e no leste europeu têm traçado um cenário permanente de incertezas. Além disso, a volatilidade com relação à política econômica dos Estados Unidos e a implementação de altas tarifas de importação a diversos produtos nacionais causa preocupação e instabilidade para os investimentos. Destaca-se a importância das negociações comerciais entre Brasil e EUA na busca de um acordo comum que vise minimizar os impactos indiretos sobre o mercado de exportação brasileiro. Por outro lado, se a carne

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

Expediente: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE: Rogerio Sobreira Bezerra (Economista-Chefe) Allisson David de Oliveira Martins (Gerente de Ambiente). Célula de Estudos e Pesquisas Setoriais: Luciano F. Ximenes (Gerente Executivo), Biagio de Oliveira Mendes Junior, Fernando L. E. Viana, Francisco Diniz Bezerra, Jackson Dantas Coelho, Kamilla Ribas Soares, Maria de Fátima Vidal. Célula de Gestão de Informações Econômicas: Wendell Márcio Araújo Carneiro (Gerente Executivo), Carlos Henrique Alves de Sousa, Márcia Melo de Matos, Gustavo Bezerra Carvalho (Projeto Gráfico), Breno Pereira Aragão, Sânia da Silva Costa (Bolsistas de Nível Superior). O Caderno Setorial ETENE é uma publicação mensal que reúne análises de setores que perfazem a economia nordestina. O Caderno ainda traz temas transversais na sessão "Economia Regional". Sob uma redação eclética, esta publicação se adequa à rede bancária, pesquisadores de áreas afins, estudantes, e demais segmentos do setor produtivo.

Contato: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE. Av. Dr. Silas Munguba 5.700, Bl A2 Térreo, Passaré, 60.743-902, Fortaleza-CE. <http://www.bnb.gov.br/etene>. E-mail: etene@bnb.gov.br

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte. SAC 0800 728 3030; Ouvidoria 0800 033 3030; bancodonordeste.gov.br

suína americana perder espaço nos seus tradicionais mercados importadores, em função de política de retaliação de tarifas destes países, outros países concorrentes poderão ocupar parte dessa demanda. E para o Brasil, pode representar uma oportunidade de ganho de mercado, desde que a demanda global permaneça firme e as condições sanitárias e logísticas continuem favoráveis.

No campo dos acordos comerciais, destaca-se o acordo entre Mercosul e União Europeia, assinado em 2026, que prevê cotas de exportação com tarifa reduzida para proteína animal, incluindo um extenso repertório de protocolos sanitários que atenda a Certificação Sanitária Internacional pela União Europeia. O volume acordado chegará a 25 mil toneladas ao longo dos anos, enquanto volumes acima desse limite continuarão sujeitos a tarifas (USDA, 2026b). Apesar disso, até o momento, a União Europeia manteve o Brasil fora da lista de países autorizados a exportar produtos de origem animal para o bloco a partir de setembro de 2026, sob alegação de deficiência na demonstração documental e técnica dos mecanismos de controle sobre o uso de antimicrobianos ao longo de toda a cadeia produtiva das fontes proteicas. O país segue em negociação para demonstrar que os protocolos europeus são plenamente atendidos, sendo observados para todos os destinos de exportação como para o mercado interno.

O Brasil tem sobressaído em relação aos concorrentes devido ao eficiente controle e monitoramento sanitário, investindo estrategicamente em certificações sanitárias e rastreabilidade para atender exigências internacionais. Além disso, recentemente, todo o território nacional foi considerado livre de febre aftosa sem vacinação pela Organização Mundial de Saúde Animal (WOAH), enquanto países concorrentes enfrentam dificuldades (USDA, 2026b). Por outro lado, a expectativa da chegada de um El Niño de forte intensidade no país, com efeitos mais concentrados no último trimestre deste ano, poderá impactar a produção de suínos, principalmente ao Sul, a maior região produtora do país. O choque de demanda poderá ser sentido também em outras regiões, a partir dos desafios na oferta de grãos e de suínos.

Tabela 1 – Desempenho global e dos principais players do segmento de carne suína (milhões de toneladas)

Indicador/Unidade geográfica	2024	2025	2026	2025-2026 (%)	Indicador/Unidade geográfica	2024	2025	2026	2025-2026 (%)
Produção	116,260	119,513	120,183	0,56	Exportação	10,115	10,363	10,413	0,48
China	57,060	59,380	59,500	0,20	Estados Unidos	3,232	3,162	3,266	3,29
União Europeia	21,278	21,950	21,690	-1,18	União Europeia	3,009	3,030	2,800	-7,59
Estados Unidos	12,611	12,515	12,696	1,45	Brasil	1,531	1,714	1,830	6,77
Brasil	4,500	4,750	4,900	3,16	Canadá	1,255	1,331	1,380	3,68
Rússia	4,315	4,340	4,385	1,04	Rússia	0,220	0,260	0,270	3,85
Vietnã	3,787	3,935	4,090	3,94	Chile	0,262	0,246	0,245	-0,41
Canadá	2,090	2,145	2,190	2,10	Reino Unido	0,181	0,191	0,190	-0,52
Coreia do Sul	1,455	1,432	1,455	1,61	México	0,216	0,196	0,170	-13,27
México	1,395	1,370	1,410	2,92	China	0,097	0,123	0,145	17,89
Japão	1,287	1,275	1,275	0,00	Austrália	0,048	0,046	0,050	8,70
<i>Selecionados</i>	<i>108,491</i>	<i>111,817</i>	<i>112,316</i>	<i>0,45</i>	<i>Selecionados</i>	<i>10,051</i>	<i>10,299</i>	<i>10,346</i>	<i>0,46</i>
<i>Outros</i>	<i>7,769</i>	<i>7,696</i>	<i>7,867</i>	<i>2,22</i>	<i>Outros</i>	<i>0,064</i>	<i>0,064</i>	<i>0,067</i>	<i>4,69</i>
Consumo	115,064	118,428	119,115	0,58	Importação	8,951	9,239	9,323	0,91
China	58,269	60,445	60,355	-0,15	México	1,470	1,651	1,715	3,88
União Europeia	18,368	19,017	18,990	-0,14	Japão	1,487	1,430	1,425	-0,35
Estados Unidos	9,915	9,862	9,952	0,91	China	1,306	1,188	1,000	-15,82
Vietnã	3,878	4,073	4,197	3,04	Filipinas	0,575	0,708	0,790	11,58
Rússia	4,098	4,082	4,117	0,86	Coreia do Sul	0,739	0,723	0,765	5,81
Brasil	2,972	3,040	3,074	1,12	Reino Unido	0,753	0,716	0,735	2,65
México	2,649	2,825	2,955	4,60	Estados Unidos	0,520	0,506	0,522	3,16
Japão	2,750	2,708	2,710	0,07	Hong Kong	0,257	0,270	0,275	1,85
Coreia do Sul	2,176	2,158	2,206	2,22	Canadá	0,243	0,218	0,215	-1,38
Filipinas	1,555	1,687	1,784	5,75	Colômbia	0,196	0,205	0,210	2,44
<i>Selecionados</i>	<i>106,630</i>	<i>109,897</i>	<i>110,340</i>	<i>0,40</i>	<i>Selecionados</i>	<i>7,546</i>	<i>7,615</i>	<i>7,652</i>	<i>0,49</i>
<i>Outros</i>	<i>8,434</i>	<i>8,531</i>	<i>8,775</i>	<i>2,86</i>	<i>Outros</i>	<i>1,405</i>	<i>1,624</i>	<i>1,671</i>	<i>2,89</i>

Fonte: USDA/PSD-Online (abril de 2026a).

2 Comércio Exterior

O Brasil é o terceiro maior exportador de carne suína do mundo, posição que deverá ser mantida em 2026 com projeção de crescimento próximo a 7%, alcançando 1,83 milhão de toneladas. Esta projeção baseia-se em fatores como a maior disponibilidade de carne suína para exportação, a uma demanda internacional firme e ao bom status sanitário. As exportações norte-americanas de carne suína deverão crescer 3% em 2026, impulsionadas pela demanda robusta do México e da América Central. Atualmente, o México é o maior importador de carne suína do mundo. No Canadá, também deverão aumentar 4%, apoiadas por uma maior oferta e pela expansão a mercados internacionais. Por outro lado, as exportações da União Europeia deverão cair 8%, em razão da redução da oferta, após os fortes surtos de Peste Suína Africana (PSA) que desencadearam em restrições comerciais relacionadas a doenças (USDA, 2026b). Com a expectativa de retração na União Europeia, mais oportunidades deverão surgir para a expansão das vendas em importantes mercados da Ásia.

O balanço do primeiro semestre do ano consolida o melhor período da história para o setor exportador brasileiro. No acumulado entre janeiro e junho de 2026, as exportações brasileiras de carne suína, considerando produtos in natura e processados, alcançaram 773,14 mil toneladas. O volume representa crescimento de 10% em relação ao mesmo período de 2025, quando foram embarcadas 699,54 mil toneladas. A receita acumulada somou US\$ 1,84 bilhão, avanço de 8,27% diante dos US\$ 1,69 bilhão registrados entre janeiro e junho do ano passado (MDIC/Secex, 2026).

As Filipinas permaneceram como principal destino da proteína brasileira, com 203,86 mil toneladas, crescimento de 30% no volume em relação ao mesmo período de 2025. O Japão ficou em segundo lugar, com 92,32 mil toneladas e crescimento de 66,5%, seguido por China, Chile, e Hong Kong. Em contrapartida, China e Hong Kong reduziram os volumes em 33,04% e 20,46%, respectivamente. Neste período, o Brasil exportou carne suína para 110 países diferentes. Em 2021, a China absorvia 48% das exportações brasileiras de carne suína, mas essa participação caiu gradualmente para 18% em 2024 e no período de janeiro a junho de 2026, respondeu por 8,3% de participação das exportações brasileiras, resultado da recuperação gradual da produção doméstica após a Peste Suína Africana. O Brasil diversificou seus mercados de exportação para reduzir a dependência do mercado chinês. (Tabela 2).

Tabela 2 – Desempenho das exportações brasileiras e nordestinas de carne suína, no acumulado janeiro a junho de 2025 a 2026

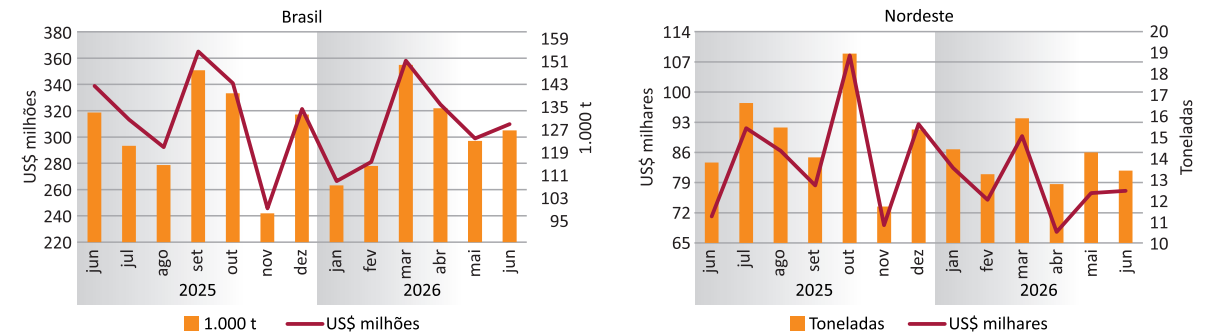
Países	2025		2026		2025-2026 (%)		2025	2026
	US\$	Kg	US\$	Kg	US\$	Kg	US\$/kg	US\$/kg
Brasil	1.698.712.341	699.536.707	1.839.210.660	773.143.199	8,27	10,52	2,43	2,38
Filipinas	355.458.966	156.835.426	463.296.535	203.861.304	-42,65	29,98	2,27	2,27
Japão	191.456.620	55.432.878	309.029.256	92.319.119	-51,78	66,54	3,45	3,35
China	211.528.675	95.926.315	144.099.771	64.234.654	-69,63	-33,04	2,21	2,24
Chile	138.682.478	55.428.292	138.885.339	60.423.406	-56,43	9,01	2,50	2,30
Hong Kong	151.888.739	62.964.526	108.420.813	50.081.300	-67,03	-20,46	2,41	2,16
Singapura	121.863.258	43.195.678	82.431.934	31.097.202	-74,48	-28,01	2,82	2,65
Argentina	80.438.036	28.753.132	77.348.137	29.698.223	-63,08	3,29	2,80	2,60
México	72.324.029	30.620.645	66.704.691	28.777.276	-60,21	-6,02	2,36	2,32
Uruguai	72.617.231	26.275.128	70.075.493	26.981.664	-62,84	2,69	2,76	2,60
Vietnã	58.188.279	22.819.572	52.744.569	22.414.876	-61,48	-1,77	2,55	2,35
<i>Selecionados</i>	1.454.446.311	578.251.592	1.513.036.538	609.889.024	-58,07	5,47	2,52	2,48
<i>Outros</i>	244.266.030	121.285.115	326.174.122	163.254.175	-33,17	34,60	2,01	2,00

Países	2025		2026		2025-2026 (%)		2025	2026
	US\$	Kg	US\$	Kg	US\$	Kg	US\$/kg	US\$/kg
Nordeste	446.105	87.441	468.425	84.085	5,00	-3,84	5,10	5,57
Panamá	60.371	12.377	93.189	17.649	54,36	42,60	4,88	5,28
Marshall, Ilhas	98.652	19.270	96.389	16.692	-2,29	-13,38	5,12	5,77
Libéria	89.297	16.833	92.709	16.095	3,82	-4,38	5,30	5,76
Singapura	39.218	8.015	29.611	6.093	-24,50	-23,98	4,89	4,86
Hong Kong	34.291	7.691	27.828	5.815	-18,85	-24,39	4,46	4,79
Bahamas	17.687	3.242	26.012	4.424	47,07	36,46	5,46	5,88
China	5.560	1.420	16.299	3.225	193,15	127,11	3,92	5,05
Malta	23.022	4.292	15.274	2.674	-33,65	-37,70	5,36	5,71
Japão	5.461	1.183	6.634	1.326	21,48	12,09	4,62	5,00
Chipre	15.775	2.922	6.416	1.136	-59,33	-61,12	5,40	5,65
Selecionados	389.334	77.245	410.361	75.129	5,40	-2,74	5,04	5,46
Outros	56.771	10.196	58.064	8.956	2,28	-12,16	5,57	6,48

Fonte: MDIC/ Secex (2026).
Nota: Tabela de Agrupamento Carne Suína - NCM (SDA/MAPA)

A produção de suínos nordestina tem expandido gradualmente ao longo dos anos, com aumento no consumo regional, por ser uma opção competitiva em relação à carne bovina. Todavia, no acumulado de janeiro a junho de 2026, as exportações representaram 0,01% das remessas totais do país, com queda de 3,84% nas remessas, em relação ao mesmo período de 2025. A tendência é que, com o crescimento da atividade, as exportações sejam estimuladas pelos benefícios cambiais e pelo aumento da demanda global. Para isso, a criação de polos regionais de suinocultura com apoio técnico e logístico, incluindo acesso a insumos, a modernização de frigoríficos e o fomento ao modelo de cooperativas e associações de produtores para ganho em escala, são algumas das iniciativas que colaboraram com o fortalecimento do setor na Região (Tabela 2; Figura 1).

Figura 1 – Desempenho mensal das exportações de carne suína pelo Brasil e pelo Nordeste brasileiro



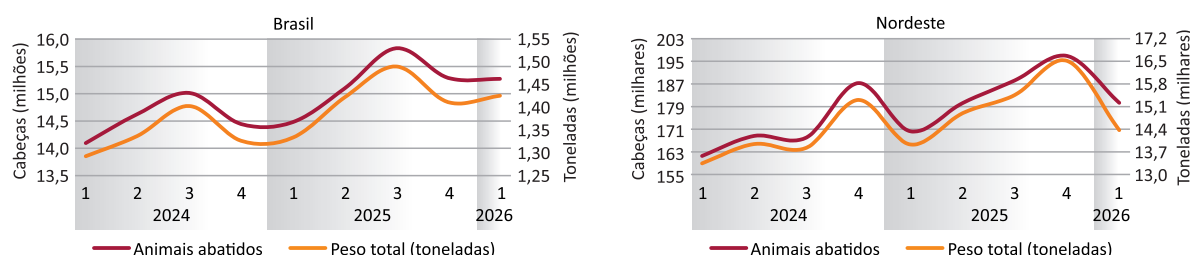
Fonte: MDIC/Secex (2026).

3 Produção e Mercado Interno

No acumulado de janeiro a junho de 2026, o Valor Bruto da Produção (VBP) agropecuária foi estimado em R\$ 1,404 trilhão, representando uma retração de 4,9% em comparação a 2025, considerando valores deflacionados pelo IGP-DI da FGV – junho de 2026. A pecuária participou com R\$ 511,14 bilhões (36,39%). O VBP Suínos movimentou a economia em torno de R\$ 51,68 bilhões, ocupando a quarta posição no ranking das commodities pecuárias, participação de 10,11% do VBP Pecuária. No Nordeste, o VBP Suínos atingiu R\$ 550,57 milhões, tendo participação relevante para os estados de maior tradição como Bahia e Ceará, ao tempo que desponta o crescimento em Pernambuco e no Maranhão (SPA/MAPA, 2026).

O Brasil encerrou 2025 com produção de 4,46 milhões de toneladas de carne suína, o maior volume já registrado no país e o abate de suínos alcançou 60,69 milhões de cabeças, crescimento de 4,3% sobre 2024. O ano foi marcado por margens de lucro favoráveis para os produtores de carne, além de investimentos em infraestrutura, sanidade, modernização e melhorias das plantas industriais. Em 2026, o Brasil deverá se manter como o quarto maior produtor de carne suína do mundo e espera-se que parte dos investimentos de 2025 sustente aumentos de produtividade e produção, impulsionados pela abundância de insumos para ração e pela demanda externa (USDA, 2026a). De acordo com dados da Pesquisa Trimestral do Abate do IBGE, considerando o 1T2026, o abate nacional de suínos cresceu +5,49% em relação ao 1T2025 (de 14,48 para 15,27 milhões de cabeças) e a produção de carne, alta de +6,93% (de 1,33 milhão para 1,43 milhão de toneladas). Para 2027, há perspectiva de maior recuperação da suinocultura, com a combinação entre exportações aquecidas, ajuste gradual da produção e crescimento do consumo doméstico, o que deve melhorar as condições do setor (ABPA, 2026).

Figura 2 – Desempenho trimestral do abate e da produção de carne no Brasil e no Nordeste



Fonte: PTA – Pesquisa Trimestral do Abate (IBGE, 2026a).

Notas: Os dados divulgados são oriundos de estabelecimentos que estão sob inspeção sanitária federal, estadual ou municipal. Os dados das Unidades da Federação com menos de 3 informantes estão desidentificados com o caractere X. Suínos - suínos machos ou fêmeas de qualquer idade, independente da finalidade. Os dados sobre peso das carcaças de suínos, referentes a 2012 e 2013, foram revisados e não devem ser comparados com os da série histórica compreendida até 2011. Está sendo averiguada a ocorrência de equívoco de registro de peso dos suínos vivos em lugar de peso das carcaças, em anos anteriores. Os dados dos 4 trimestres do ano são preliminares até a divulgação dos dados do 1º trimestre do ano seguinte.

No Nordeste, a suinocultura segue em crescimento moderado, sendo mais voltada ao mercado regional. Os maiores desafios estão relacionados aos elevados custos logísticos, à dependência de insumos provenientes de outras regiões e à reduzida escala produtiva, diretamente relacionada à demanda. Além disso, a maior parte dos estados nordestinos, com exceção da Bahia e de Sergipe, ainda estão incluídos na Zona não livre de Peste Suína Clássica, o que traz uma série de limitações para expansão do setor na região, apesar de não comprometer a situação das Zonas Livres (ZL) da doença no Brasil, incluindo exportações. Gradualmente, as ações de controle, monitoramento e vacinação vêm avançando, rumo à erradicação total da doença. Por outro lado, a demanda vem crescendo, fenômeno atribuído à elevada competitividade da carne suína em relação à carne bovina. No 1T2026, o abate cresceu 5,91% em relação ao 1T2025 (de 170,23 para 180,29 mil cabeças), enquanto a produção de carne teve alta de 3,19% (de 13,93 mil para 14,37 mil toneladas). A Bahia lidera o ranking de abate de suínos, sendo que no 1T2026, o estado abateu 69,66 mil cabeças, com peso de 6,04 mil toneladas. Destaque também para Ceará e Pernambuco com participação regional expressiva. Esses estados possuem boa infraestrutura de produção, com sistemas produtivos modernos, frigoríficos inspecionados e crescente profissionalização da atividade. Para o Ceará, a tendência observada em 2026 é de crescimento moderado da produção e apresenta vantagens por estar próximo dos grandes centros consumidores do Nordeste, reduzindo parte do custo logístico da distribuição da carne. Entretanto, continua vinculado a entrada de grãos de outras regiões produtoras do país. (Tabela 3).

Tabela 3 – Desempenho trimestral do abate de suínos no Nordeste, animais abatidos (cabeças) e peso total das carcaças (toneladas) de 2025 a 2026

Nordeste	2025				2026	2025-2026 (%)	
	1	2	3	4	1	1T/1T	1T/4T
Abate (cabeças)							
Brasil	14.477.219	15.094.490	15.835.096	15.290.923	15.271.782	5,49	-0,13
Nordeste	170.234	180.234	188.229	196.876	180.290	5,91	-8,42
Bahia	68.890	70.681	73.811	77.582	69.659	1,12	-10,21
Ceará	58.561	64.671	64.561	67.143	61.046	4,24	-9,08
Pernambuco	17.940	18.633	21.292	21.960	19.761	10,15	-10,01
Maranhão	11.071	12.342	13.654	13.777	12.645	14,22	-8,22
Piauí	6.988	7.035	6.977	8.013	8.233	17,82	2,75
Rio Grande do Norte	3.110	2.790	3.433	3.446	5.128	64,89	48,81
Alagoas	2.569	2.921	3.279	3.817	2.954	14,99	-22,61
Paraíba	1.105	1.161	1.222	1.138	864	-21,81	-24,08
Peso (toneladas)							
Brasil	1.333.112	1.421.668	1.490.124	1.411.496	1.425.537	6,93	0,99
Nordeste	13.926	14.895	15.458	16.512	14.370	3,19	-12,97
Bahia	6.145	6.629	7.001	7.430	6.041	-1,71	-18,70
Ceará	4.950	5.324	5.195	5.520	5.032	1,65	-8,84
Pernambuco	1.142	1.191	1.313	1.364	1.216	6,43	-10,84
Maranhão	961	1.036	1.141	1.313	1.106	15,11	-15,73
Rio Grande do Norte	212	185	245	257	389	83,15	51,18
Piauí	261	246	241	269	298	14,48	10,80
Alagoas	201	228	263	304	244	21,77	-19,49
Paraíba	53	56	59	55	44	-18,02	-20,10

Fonte: PTA – Pesquisa Trimestral do Abate (IBGE, 2026a).

Notas: Os dados divulgados são oriundos de estabelecimentos que estão sob inspeção sanitária federal, estadual ou municipal. Os dados com menos de 3 (três) informantes estão desidentificados com o caractere X. Suínos machos ou fêmeas de qualquer idade, independente da finalidade. Peso da Carcaça - peso da carcaça quente (em Kg), entendendo-se como carcaça: o animal abatido, formado das massas musculares e ossos, desprovido de cabeça, mocotós, cauda, couro, órgãos e vísceras torácicas e abdominais, tecnicamente preparado. Os dados sobre peso das carcaças de suínos, referentes a 2012 e 2013, foram revisados e não devem ser comparados com os da série histórica compreendida até 2011. Os dados dos 4 trimestres do ano são preliminares até a divulgação dos dados do 1º trimestre do ano seguinte.

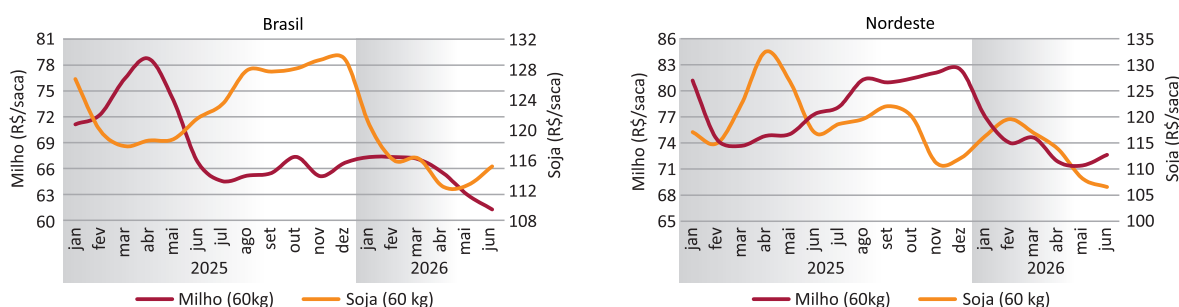
Na suinocultura, os custos com ração representam entre 70% e 75% dos custos totais. Para 2026, o Sindicato Nacional da Indústria de Alimentação Animal (Sindirações) projeta a produção de 97 milhões de toneladas de ração, um crescimento de 3% em relação a 2025, consolidando trajetória de expansão moderada. Na suinocultura, observou-se recuperação gradual, já que o consumo de rações somou 21,6 milhões de toneladas em 2024 e 22,5 milhões em 2025 (+4,2%), enquanto o abate de suínos cresceu 4,33% em 2025, reforçando o movimento de recomposição produtiva. Para 2026, o ritmo seguirá moderado, somando um consumo de 23,1 milhões de toneladas. Segundo o 10º Levantamento da Safra 2025/2026 da Conab, a produção estimada para a safra 2025/2026 de milho está em torno de 141,73 milhões de toneladas, 0,4% superior à safra 2024/2025. Para a soja, a produção estimada é de 180,57 milhões de toneladas, aumento de 5,3% sobre a safra anterior.

Embora as sucessivas quedas nos preços do milho e do farelo de soja em 2025 tenha dado fôlego financeiro aos produtores, favorecendo a recuperação da atividade, o planejamento para 2026 exige cautela. Neste ano, com a chegada do El Niño de forte intensidade, mais evidente a partir do 4T2026, acende-se o alerta para o comportamento do clima nas regiões produtoras de grãos (Conab, 2026a) e o impacto para a cadeia de aves, suínos, além da pecuária de corte e leite. Notadamente, para os possíveis impactos a safrinha de milho, além de possíveis desvios do grão para a forte indústria de etanol (combustível) e na formação de pastagens. A região Sul, principal produtora de suínos no país, poderá sentir mais intensamente os impactos do El Niño, pelas fortes alterações de clima, que poderá afetar tanto a produção de suínos, como de grãos, desencadeando oscilações de mercado em toda cadeia

produtiva nacional. No Nordeste, o fenômeno pode resultar em volumes de chuvas irregulares e abaixo da média, com períodos secos mais prolongados, temperaturas elevadas, ondas de calor e redução da disponibilidade hídrica no solo. Todos estes fatores podem impactar o período de plantio das safras de grãos, principalmente no cerrado do Matopiba nordestino, prejudicando produção e produtividade, com reflexos sobre os custos.

De acordo com o Cepea (2026a), as cotações tanto do milho quanto do farelo de soja vêm sofrendo sucessivas retrações desde o final de 2025. A desvalorização do milho estaria atrelada ao cenário de uma produção superior ao esperado. Da mesma forma, os preços do suíno vivo seguiram em queda pelo sexto mês consecutivo, atribuído a sobreoferta; produto das melhorias de rentabilidade em 2024 e 2025 que estimularam a expansão da produção. Esse aumento na oferta acabou pressionando os preços pagos ao produtor ao longo deste semestre. De maneira que, apesar do preço dos insumos ter retraído neste período, a desvalorização do animal foi mais intensa, afetando a relação de troca. Segundo a Conab (2026b), entre janeiro e junho de 2026 em nível nacional, o preço da soja retraiu -4,19% (de 119,52 para 114,51 R\$/saca de 60 kg) e do milho -9,02% (de 67,32 para 61,25 R\$/saca de 60 kg), nesta ordem. A queda no preço médio (GO; MG; PR; SP) do kg do suíno vivo pagos ao produtor foi mais expressiva -31,81% (de 7,97 para 5,44 R\$/kg), considerando valores corrigidos pelo IGP-DI (junho, 2026). O Nordeste seguiu a mesma tendência de oscilação nos preços, o preço da soja variou -6,11% (de 120,06 para 112,73 R\$/saca de 60 kg) e do milho, queda de -7,80% (de 74,77 para 68,94 R\$/saca de 60 kg), nesta ordem. Este panorama demonstra o tamanho do desafio para os produtores nordestinos, que convivem com uma disparidade nos custos de produção de rações, pesando sobre os custos totais da produção, quando comparado a outras regiões do país. O impacto sobre a rentabilidade dos produtores é um fator determinante para expansão ou retração da atividade na região (Figura 3).

Figura 3 – Preços (R\$) pagos ao produtor por saca de milho e soja (R\$/60 kg) no Brasil e no Nordeste

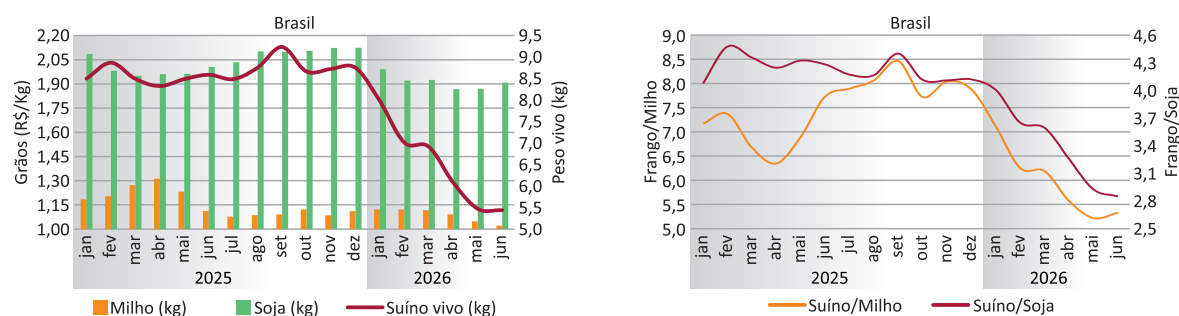


Fonte: Conab (2026b).

Nota: Valores corrigidos pelo IGP-DI (junho, 2026).

A relação de troca entre o kg do suíno vivo e kg de insumos retraiu, sendo que entre janeiro e junho, a retração na relação Suíno/Milho foi de -25,05% e Suíno/Soja foi de -28,83%. Por outro lado, houve queda no preço da carcaça bovina, por diminuição na demanda do consumidor final e com isso, aumentando a competitividade da carne bovina frente a suína. Esta perda de competitividade frente às duas concorrentes em junho, interrompeu uma sequência de oito meses seguidos de ganhos frente à carcaça bovina e de dois meses frente ao frango resfriado (Cepea, 2026).

Figura 4 – Relação de preços ao produtor do milho grão, soja grão e suíno vivo (kg) e a relação de troca entre insumos e suíno vivo (kg/kg)



Fonte: Conab (2026b).

Nota: Valores corrigidos pelo IGP-DI (junho, 2026).

No cenário interno, o desempenho econômico deverá ser moderado em 2026, com crescimento do PIB de 1,99%. A taxa de inflação está projetada em 5,12% para 2026 e 4,22% para 2027 e o câmbio previsto é de R\$ 5,20 por dólar em 2026 e R\$ 5,29 em 2027 (BCB/Focus, 2026b). O mercado de trabalho segue apresentando dinamismo. Estas oscilações nos indicadores econômicos, segundo última Ata do BCB/Copom (2026a), está compatível com a política monetária em curso. Como por exemplo, no 1T2026, houve uma retomada da atividade econômica em relação ao final de 2025, atribuída a uma variação positiva do PIB em 2026, ainda que menos intensa que em 2025. Por outro lado, a taxa de desocupação chegou a 6,1%, crescimento de 19,6% em relação a 4T2025. No Nordeste, no mesmo período, a taxa foi de 8,4%, representando um crescimento de 18,31% em relação ao 4T2025 (7,1%). Ainda assim, a taxa de desemprego tem, recorrentemente, se mantido em patamares historicamente baixos, segundo dados da PNAD Contínua (IBGE, 2026b).

O agronegócio nacional empregou 28,4 milhões de pessoas, o equivalente a 26,3% do total do mercado de trabalho no Brasil no 4T2025 (Cepea, 2026b). Na pecuária houve aumento do número de trabalhadores em segmentos como avicultura (7,0%), aquicultura (12,1%) e suinocultura (2,2%, ou 1.952 pessoas). Segundo dados do MTE/RAIS (junho, 2026), os vínculos de emprego ativo em suinocultura no Nordeste, no espelhamento e 31/12/2025 apresentaram crescimento de 7,62%, em relação a 2024, com destaque para Ceará (+3,23%), Bahia (+11,10%) e Minas Gerais (+38,5%) (**Tabela 4**). Em 2026, considerando o acumulado de janeiro a maio, o número de admissões superou em 14,6% o mesmo período de 2025. Com destaque não apenas para o desempenho do Ceará (+48,6%), Maranhão (+8,4%), que abarca as maiores produções regionais de suínos, mas ao avanço do trabalho também em Minas Gerais (+28,3%) e Piauí (+50%). O saldo regional de emprego no acumulado até maio deste ano, segue positivo (77), porém representa uma retração de 27% em relação a marca de 2025, com destaque para o Ceará e Maranhão.

Tabela 4 – Saldo de empregos e vínculos empregatícios ativos da Suinocultura na área de atuação do Banco do Nordeste, no período de 2020 a 2025 ¹

Unidade geográfica	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2024-2025 (%)
Ceará	833	983	1.029	1.057	1.053	1.087	3,23
Bahia	377	739	535	852	802	891	11,10
Minas Gerais	235	241	205	197	200	277	38,50
Maranhão	56	184	154	256	211	207	-1,90
Alagoas	105	125	159	83	85	93	9,41
Pernambuco	35	60	43	63	50	39	-22,00
Piauí	16	19	53	28	23	23	
Sergipe	13	12	23	20	19	18	-5,26
Espírito Santo	37	40	42	31	17	16	-5,88
Rio Grande do Norte	2	4	12	14	11	7	-36,36
Paraíba	1	1		3	1	1	
Vínculos ativos	1.710	2.408	2.255	2.604	2.472	2.659	207,56
Saldo de empregos	83	333	133	137	-62	276	545,16

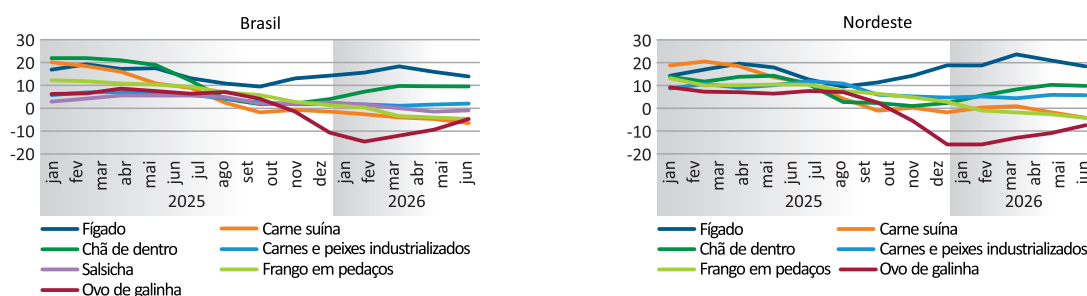
Fonte: MTE/RAIS/CAGED. Acesso em: 14 julho de 2026. Elaboração: BNB/ETENE/CGIE.

Notas: 1 Subclasse CNAE - Criação de Suínos (154700); Frigorífico/Abate Suínos (1012103); Matadouro/Abate Suínos sob contrato (1012104). 2 Valores correspondem a soma dos municípios que estão na área de atuação do BNB (RAIS). Dados por espelhamento de dezembro de 2020 a dezembro de 2025. 3 Saldo de empregos, considera a diferença entre admitidos e desligados até maio de 2026 (CAGED).

O Brasil registrou consumo recorde *per capita* de carne suína em 2025, atingindo 19,1 kg (ABPA, 2026). Embora a indústria suinícola continue trabalhando intensamente campanhas de marketing para incentivar o consumo em todo o país e exista momentaneamente uma sobreoferta, o consumo deverá se manter estável em 2026, cerca de 3,07 milhões de toneladas, praticamente no mesmo nível de 2025 (USDA, 2026b), de maneira que a produção adicional tenderá ser direcionada para exportações. Um dos desafios enfrentados pela indústria para aumentar o consumo doméstico é que a carne suína permanece mais cara que a carne de frango e o preço pago pelo consumidor exerce papel importante na escolha da proteína animal a ser adquirida. No Nordeste, além das questões relacionadas a demanda e oferta, não há forte tradição no consumo, sendo sugestivo a intensificação de campanhas de estímulo ao consumo como alternativa saudável e viável às fontes proteicas como a carne bovina.

Neste ano, os preços das carnes bovina mantiveram-se mais elevados quando comparado ao ano passado, principalmente ao que se refere a carne suína e de frango. Todavia, os preços da carne suína recuaram desde abril, devido ao aumento na oferta. Considerando a estimativas apontadas pelo INPC – Índice Nacional de Preços ao Consumidor, que considera a variação apenas para famílias com entre 1 e 5 salários-mínimos de renda, a tendência de aumento de preços faz com que os consumidores migrem para opções de proteína animal mais acessíveis. No Nordeste, o consumo de frango em pedaços, ovos e carne suína tem se tornado uma opção competitiva (**Figura 5**).

Figura 5 – Variação média mensal (%) nos preços de proteínas alternativas e cortes de carnes no Brasil (acima) e no Nordeste (abaixo)



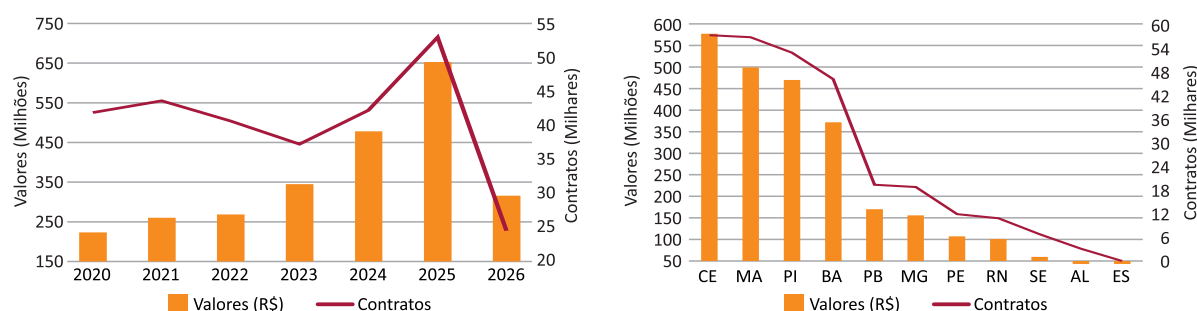
Fonte: IBGE/SNIPC - Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor - (2026c).

Nota: Índice Nacional de Preços ao Consumidor – INPC. Variações de preços da cesta de consumo da população assalariada com mais baixo rendimento, de 1 a 5 salários-mínimos, mais sensíveis à inflação. Amostra: São Luiz, Aracaju.

4 Banco do Nordeste

Dados comparativos de janeiro de 2020 a maio de 2026, apontam o avanço crescente dos investimentos no Nordeste, com acumulados próximos a de R\$2,00 bilhões para suinocultura (**Figura 6**). O maior percentual de investimentos foi no Semiárido, 77,69% dos valores contratados (**Tabela 5**), sendo que os investimentos contratados para suinocultura no acumulado de janeiro a maio de 2026 cresceram cerca de 48,63% em relação ao mesmo período de 2025, atingindo em torno de R\$ 315,84 milhões. Neste período, de maneira geral, os valores das contratações para criação de suínos representaram 99,35% do total, enquanto atividades de abate representaram 0,65%. Ceará, Maranhão, Piauí e Bahia, destacaram-se pelas contratações voltadas para a criação de suínos (CNAE 2.0 - subclasse 154700), bem como as maiores contratações do abate de suínos (CNAE 2.0 - subclasse 1012103) vieram do Ceará, Maranhão, Bahia e Rio Grande do Norte, nesta ordem (BNB, 2026).

Figura 6 – Desempenho dos investimentos na área de atuação do Banco do Nordeste para atividade “Suinocultura” 1,2,3, no acumulado de janeiro de 2020 a maio de 2026. Quantidade de contratos e valor desembolsado



Fonte: BNB/Base do Ativo. Acesso em: 17 julho 2026. Elaboração: BNB/ETENE/CGIE.

Nota: Valores nominais. Dados acumulados até 31 maio de 2026.

Tabela 5 – Perfil geográfico dos investimentos em Suinocultura, na área de atuação do Banco do Nordeste. Acumulado anual, de janeiro 2020 a maio 2026

Região	Contratos	Valores (R\$)	Valor (%)
Semiárido	216.005	1.976.196.178	77,69
Outras regiões	67.077	567.507.752	22,31
Total	283.082	2.543.703.930	100,00

Fonte: BNB/Base do Ativo. Acesso em: 17 julho de 2026. Elaboração: BNB/ETENE/CGIE.

Nota: Valores Nominais. Dados acumulados de janeiro de 2020 a maio de 2026.

Tabela 6 – Resultados financeiros dos principais players da suinocultura no país (em milhares de R\$)

Empresa	Atividade (CNAE)	ROT	Lucro/ Prejuízo	EBITDA (%)	ROA operacional (%)	Ano Fiscal
Frimesa Cooperativa Central	1012103	6.119,70	36,30	-	3,50	2023
Pamplona Alimentos S.A.	1012103	2.533,45	56,34	7,41	8,25	2025
Alibem Alimentos S.A.	1012103	2.385,52	326,05	20,18	13,81	2025
Master Agroindustrial S.A.	0154700	1.381,01	227,45	23,29	22,20	2025
Frigorífico Ind Vale do Piranga S.A.	1012103	1.002,09	-30,59	0,96	-0,48	2025
Frigorífico Nutribras S. A.	1012103	708,97	-22,04	17,72	6,54	2024
BRF S.A. (Uberlândia)	1012103	500.00 - 1,000	-	-	-	Estimativa
BRF S.A. (Rio Verde)	1012103	500.00 - 1,000	-	-	-	Estimativa
BRF S.A. (Campos Novos)	1012103	500.00 - 1,000	-	-	-	Estimativa
Rio Branco Alim. (Patrocínio)	1012103	250.00 - 500.00	-	-	-	Estimativa

Fonte: EMIS NEXT (2026).

Notas: 1) Baseado nas atividades primária "Criação de Suínos (0154-7/00) e "Abate de suínos (10121/03); 2) ROT: Resultado Operacional Total. Total de 911 empresas de abate de suínos e criação de suínos.

5 Sumário Executivo Setorial

Ambiente político-regulatório	- O setor é regulamentado e vinculado à Secretaria de Defesa Agropecuária (SDA) do MAPA. O Nordeste possui reconhecimento junto ao SISBI-POA (Sistema Brasileiro de Inspeção de Produtos de Origem Animal), seus produtos podem ser comercializados em todo o País. As agroindústrias podem adquirir mais matéria-prima, beneficiando direta e indiretamente os produtores e empreendedores locais; - Todavia, alguns estados como Alagoas, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí e Rio Grande do Norte ainda são considerados pelo MAPA como Zona Não Livre de Peste Suína Clássica (PSC) onde ainda são mantidas ações específicas de vigilância e erradicação da doença. As restrições sanitárias reduzem a competitividade da atividade e dificultam investimentos na cadeia produtiva regional; - O momento econômico segue desafiador, com expectativas de inflação 2026 e 2027, em torno de 5,2% e 3,7% a.a., respectivamente, a taxa de câmbio se manterá na faixa de R\$/US\$ 5,10 e a taxa básica de juros (Selic) no País em 14,25% a.a. (BCB, 2026a).
Meio ambiente - O efeito das mudanças climáticas	A previsão climática indica presença de um El Niño de forte intensidade, mais evidente no 4T2026 ao 1T2027. No Nordeste, o fenômeno pode resultar em mudanças na disponibilidade hídrica, que podem impactar o período de plantio das safras de grãos, principalmente no cerrado do Matopiba nordestino, prejudicando produção e produtividade das safras e refletindo nos custos finais de ração. As culturas de sequeiro podem ser ainda mais atingidas. De maneira geral, a cadeia nacional de produção de suínos poderá ser afetada, considerando os riscos dos impactos previstos para região Sul, principal produtora de suínos no país.

Nível de organização do setor (existência de instituições de pesquisas específicas para setor, existência de associações etc.)	• A atividade é tradicional no mercado nacional e está amparada por boa liquidez. Em 2026, no acumulado até junho, o VBP Pecuária/ Suínos participou 10,11% no VBP Pecuária. No Nordeste o VBP Suínos proporcionou um montante de R\$ 550,57 milhões em valores gerados para economia regional, um crescimento praticamente ascendente desde 2016, principalmente nos estados do Bahia, Ceará, Pernambuco e Maranhão, (MAPA); • Os estados pertencentes a Zona Não Livre de Peste Suína Clássica (PSC), com exceção da Bahia e de Sergipe, seguem monitorando a produção buscando a vacinação para atender as exigências do Plano estratégico Brasil livre da PSC, conforme determinação do MAPA, em convergência com os órgãos de defesa estaduais. A ocorrência de focos na região não compromete a situação das Zonas Livres (ZL) da doença no Brasil, incluindo exportações; • Há pequena organização dos produtores, maioria não integralizados e com pouca representação por meio de cooperações. A maior parte da produção de carne suína está voltada para o mercado interno; • Há avanços em infraestrutura logística que favorecem as exportações com a redução nos custos de transporte de grãos, com boa rede portuária e de produção de insumos no Matopiba (Bahia, Maranhão e Piauí) e Sealba (Sergipe, Alagoas e Norte da Bahia), impactando positivamente nos custos de produção. Por outro lado, ainda se torna necessário a expansão na escala de produção e de unidades frigoríficas de ampla atuação na região.
Resultados das empresas que atuam no setor	A maioria das empresas do setor está centralizada no Sul, no Centro-Oeste e Sudeste (MG; SP). A atividade segue crescendo pelo Nordeste, à medida que o consumo aumenta, sustentado pela boa competitividade da carne suína. Todavia, a expansão ainda carece de melhorias de infraestrutura e logística para aumento em escala. Destaque para empresas em expansão na região de Matopiba, principalmente Bahia e Maranhão e outras no Ceará, que tem maior tradição na atividade.
Perspectivas para o setor (expansão, estável ou declínio e perspectiva de se manter assim no curto, médio ou longo prazo)	- Em 2026, as exportações cresceram +10,52% em volume e 8,27% em valores no país. O Brasil sobressai em relação aos concorrentes pela excelência no controle sanitário dos rebanhos. A busca na diversificação de mercados tem favorecido as remessas, principalmente de cortes de maior valor agregado. Pondera-se a necessidade de negociação com a União Europeia, no acordo Mercosul, para atender as exigências e sanar as restrições às remessas de proteína animal para este ano. No Nordeste, as exportações retraíram 3,84% nos embarques, estando voltadas para demanda regional; - No mercado interno, a retração na relação de troca entre os preços do suíno vivo e grãos (milho/soja) ainda tem favorecido a redução nos custos de produção e a rentabilidade na atividade, mantendo a carne suína como uma opção competitiva a carne bovina, mas ainda perde espaço para a carne de frango. - O consumo avança em todas as regiões. No Nordeste, apesar do consumo ainda ser inferior à média nacional, nota-se crescimento gradual na demanda. Para os criadores, nota-se melhoria no acesso aos insumos e na rentabilidade de forma gradual.

Referências

ABPA – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROTEÍNA ANIMAL. **Relatório Anual: 2026**. São Paulo: ABPA. 60p. Disponível em: https://abpa-br.org/wp-content/uploads/2026/04/relatorio_ABPA-2804_DIGITAL.pdf. Acesso em: 29 maio, 2026.

BCB - BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Ata da 279ª Reunião do Comitê de Política Monetária – COPOM: 2026**. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/publicacoes/atascopom/>. Acesso em: junho, 2026a.

_____. **Focus: Relatório de Mercado**. 24 de julho 2026. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/content/focus/focus/R20260724.pdf>. Acesso em: julho, 2026b.

CEPEA – CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA. **Boletim do Suíno**. <https://www.cepea.esalq.usp.br/br>. Acesso em: junho. 2026a.

_____. **Boletim Mercado de Trabalho do Agronegócio Brasileiro. Acompanhamento Trimestral. (4º Trimestre)**. 2026. Disponível em: <https://www.cepea.esalq.usp.br/br/mercado-de-trabalho-do-agronegocio.aspx>. Acesso em: junho. 2026b.

CONAB – COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. 2026a. **Acompanhamento da safra brasileira de grãos**, Brasília, DF, v.13 – Safra 2025/2026, n.10 – 10º levantamento, p. 1-134, jul. 2026. ISSN 2318- 6852. Disponível em: https://www.gov.br/conab/pt-br/atuacao/informacoes-agropecuarias/safras/safra-de-graos/boletim-da-safra-de-graos/10o-levantamento-safra-2025-26/e-book_boletim-de-safras-10o-levantamento_2026.pdf. Acesso em: julho, 2026a.

_____. 2026b. **Preços médios mensais**. Brasília: Conab, 2026. Disponível em: <https://sisdep.conab.gov.br/precosiagroweb>. Acesso em: julho, 2026.

EMIS NEXT - EMERGING MARKETS INFORMATION SERVICE. Empresas: Principais Empresas. 2026. Disponível em: <https://www.emis.com/php/companies/overview>. Acesso em: junho, 2026.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Trimestral do Abate (PTA). 1º Trimestre.** 2026a. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1093>. Acesso: junho. 2026a.

_____. **PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.** 2026b. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?=&t=quadro-sintetico/>. Acesso: junho 2026.

_____. **INPC - Índice Nacional de Preços ao Consumidor.** 2026c. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/7063>. Acesso: julho. 2026c.

MAPA - MINISTÉRIO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA. **VBPBrasil – Valor Bruto da Produção Brasil.** Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/noticias/em-junho-valor-bruto-da-producao-agropecuaria-e-estimado-em-r-1-4-trilhao>. Acesso: julho. 2026.

MDIC – MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, COMÉRCIO EXTERIOR E SERVIÇOS. **Comexstat.** Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>. Acesso: julho, 2026.

MTE – MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Relação Anual de Informações Sociais (RAIS): Valores de remuneração, saldo de emprego, Suinocultura,** 2026. Disponível em: <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/login.php>. Acesso em: 14 julho. 2026.

SINDIRAÇÕES - SINDICATO NACIONAL DA INDÚSTRIA DE ALIMENTAÇÃO ANIMAL. **Boletim Informativo do Setor.** Disponível em: <https://sindiracoes.org.br/entre-ameacas-oportunidades-resiliencia-protagonismo/f>. Acesso em: março. 2026.

USDA – UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE. **PDS - Production, Supply and Distribution ONLINE: Livestock and Poultry.** 2026a. Disponível em: <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/app/index.html#/app/downloads>. Acesso em: abril, 2026a.

_____. **Brazil: Livestock and Products Semi-annual.** 03 de março de 2026. Disponível em: https://www.fas.usda.gov/data/gain-report/2026/03/Livestock%20and%20Products%20Semi-annual_Brasilia_Brazil_BR2026-0010.pdf. Acesso em: junho, 2025b.

Todas as edições do caderno setorial disponíveis em:

<https://www.bnb.gov.br/etene/caderno-setorial>

Conheça outras publicações do ETENE

<https://www.bnb.gov.br/etene>